

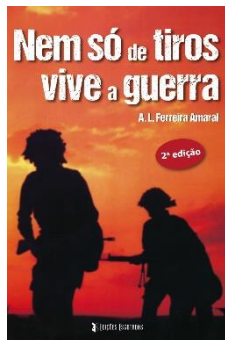


Agrupamento Escolas  
de Nelas

## O testemunho do General Ferreira do Amaral aos alunos nas aulas de Área de Integração

No âmbito do estudo do tema 2.2. A construção do social, a professora de Área de Integração do Agrupamento de Escolas de Nelas aprofundou, com os alunos do 10º C dos cursos profissionais de Técnico de Mecatrónica e de Design de Comunicação Gráfica, o marco histórico do 25 de abril de 1974 e as mudanças sociais daí decorrentes. Esta atividade integra-se nos conteúdos da disciplina que se cruzam com a área da Cidadania e Desenvolvimento, no domínio Instituições e participação democrática, embora possamos relacionar com outros domínios como os Direitos Humanos, por exemplo.

É certo que a sociedade portuguesa sofreu mudanças drásticas com a ação do *Movimento dos Capitães de Abril*. Neste sentido, a referida professora endereçou um pedido à Associação 25 de abril para que esta indicasse um sujeito histórico, ou seja, um capitão de abril e combatente no ultramar, alguém que esteve no terreno e que, em



conjunto com os seus camaradas, permitiu derrubar um regime ditatorial. Assim, esteve presente, no dia 17 de junho, nas aulas de Área de Integração, o atual **General António Luís Ferreira do Amaral**, autor do livro “**Nem só de tiros vive a guerra**”, livro que representa uma excelente e criativa forma de fazer a sua autobiografia. A professora aproveitou a sua presença para lhe pedir um autógrafo.



O General viveu o antes da mudança, agiu, transformando a estrutura social portuguesa,



e compara a sociedade anterior com a sociedade que temos hoje. Os alunos questionaram-no sobre a sua opinião relativamente a estas mudanças; a sua vivência no ultramar, para onde foi mobilizado três vezes; sobre a sua carreira militar e, fundamentalmente; sobre o golpe de Estado que foi desencadeado por, aproximadamente 200 capitães, sendo que ele era um deles. Este grande Senhor venceu bem o risco que correram, pois havia um

Código de Justiça Militar que definia as consequências para um traidor à ordem que estava estabelecida. E, portanto, todos tinham famílias, com filhos pequenos, como ele referiu, e foi precisa muita coragem para avançar com esta ação. No seu livro refere que refletiu “sobre os dias e noites de ansiedade que [a sua] mulher viveu” (p. 365), o que traduz uma preocupação com as suas famílias e destas com os seus entes queridos.

Naquele dia 25 de abril não podiam falhar como já tinha acontecido em março de 1974, levando muitos militares à prisão na Trafaria. Neste contexto, enalteceu todo o Movimento dos Capitães, referindo que a grande palavra chave desta operação foi “a confiança” que todos tinham uns pelos outros. E acrescentou que, se calhar, se não houvesse guerra colonial, não teria havido 25 de abril, ou então teria sido de outra forma. O convidado relatou as pressões e tensões que os militares sofreram na guerra colonial, deixando marcas profundas. Mas, nem sempre, a opinião pública deu valor a este sofrimento, opinando muitas das vezes que os militares queriam era ir ganhar dinheiro e não passavam de simples turistas. No entanto, acrescenta que as famílias destes militares tinham uma outra perspetiva, pois sentiam o sofrimento deles na pele. Contou uma história triste, que narra no seu livro, de que um militar morreu e o seu corpo inchou com o calor, não cabendo na urna, e que “Todas as indicações médicas para fazer desinchar o corpo revelaram-se rotundos fracassos” (p. 321). Então receberam uma “mensagem encriptada” (p. 321) para que fosse nomeado outro militar que “cortasse o corpo para o meter na urna” (p. 322).

Só quando o golpe de Estado se efetivou é que os militares passaram a ser os maiores defensores da pátria para a opinião pública. Ainda hoje, muitos portugueses esqueceram este grande feito que, segundo a professora, deveria estar sempre na mente de um povo que foi libertado de grandes limitações aos seus direitos e vivências. O General lembrou que a vacinação contra o Covid trouxe, novamente, a recordação dos feitos militares com a liderança do Almirante Gouveia e Melo no plano da vacinação.

Foi num ambiente muito agradável e de atenção e participação por parte dos alunos que o supramencionado convidado satisfaz a curiosidade dos alunos, revelando ainda que quem mais beneficiou com esta mudança foram as mulheres. Estas não tinham os mesmos direitos que os homens tinham. Exemplificou, inclusivamente, com as suas 4 tias que não puderam estudar como os seus tios e pai. Referiu-se, também, a outros direitos, como o direito ao voto, embora não fossem só as mulheres a quem este direito estava vedado. No entanto, alertou que a democracia que temos hoje não é o *Eldorado*, pois ainda hoje existem mulheres que ganham menos que os homens, embora tenham a mesma profissão e desempenhem as mesmas tarefas. Queria transmitir, segundo a professora, que nem tudo está terminado, havendo muita luta ainda pela frente, muitas mudanças que podem ocorrer. Aliás, o ilustre Senhor General sensibilizou os alunos para refletirem sobre todo o percurso da história internacional e portuguesa e tornarem-se, também, agentes de mudança, dizendo que “o futuro está nas vossas mãos”.

Este Senhor, que recebeu vários louvores e condecorações, deu o seu testemunho, contando histórias, relatando acontecimentos e dando a sua opinião, revelando ser uma pessoa muito modesta, muito comunicadora, muito simples, muito agradável, de nobres valores e com orgulho em tudo o que ajudou a construir. A sua vasta cultura permitiu sempre, ao longo da conversa que teve com os alunos, enquadrar Portugal no contexto internacional e em contextos nacionais anteriores e mais longínquos. Falou na ONU, no movimento sufragista, na governação de Churchill e até no nosso grande escritor Luís Vaz de Camões, que nos *Lusíadas* escreve que os “feitos da famosa gente” portuguesa enaltecem “o peito ilustre lusitano”.

Este sujeito de referência presente nas aulas permitiu, pois, desenvolver a cidadania dos alunos - ao nível da compreensão dos direitos das pessoas, através de exemplos, sejam essas pessoas homens ou mulheres e da luta inacabada que é necessário fazer no nosso dia-a-dia; ao nível da compreensão e interiorização de valores como a solidariedade, companheirismo, confiança, espírito de grupo, relacionamento interpessoal, empatia, unidade e identidade. E este desenvolvimento da cidadania deve ser uma constante, deve-se lutar contra o esquecimento do ideal democrático, quer nas ações individuais, quer nas ações coletivas. Alunos, professora e Direção do Agrupamento de Escolas agradecem a presença e a colaboração do Senhor General na formação da cidadania daqueles que, no futuro, serão os agentes que modificarão a ordem estabelecida, tendo estas pessoas, tão dignas, registadas na sua memória como modelos a seguir, pois as tecnologias evoluem, mas há valores universais e intemporais.

Profª Conceição Aires